

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

que os outros têm de mim?» Quando Orestes aparecer diante dele, não procurará defender-se.

Quanto a Júpiter, de modo algum está satisfeito: fora-lhe útil o crime de Egisto, mas do de Orestes não poderá tirar proveito algum. «Que tenho eu a fazer de um assassino sem remorsos, de um assassino insolente... Odeio os crimes da nova geração: são inúteis e estéreis como o joio.» E para cúmulo do desagrado, Júpiter perdeu todo o poder sobre Orestes. «Logo que a liberdade estale na alma de um homem, os deuses já nada podem contra esse homem... Aos outros homens per-tence — e só a eles — deixá-lo à solta ou estrangulá-lo.» Necessário lhe é pois aceitar que seja Egisto a tomar o cuidado de estrangular Orestes; mas nós já vimos que precisamente Egisto perdeu toda a combatividade...

Dado isso, uma vez efectivado o duplo assassinato, Júpiter cairá sobre Electra, que não tarda a lançar-se-lhe nos braços — para escapar ao horror que lhe desperta um acto com o qual, no entanto, não deixara de sonhar. É que na verdade ela apenas se contentava com o sonho: de há uns quinze anos que ela em imaginação realiza a sede de vingança e vive dessa ficção; instalou-se numa revolta passiva e aí achou o seu equilíbrio. O que escolheu foi odiar na impotência e suportar a sua miserável situação, divagando aí com o seu ódio imaginário. «Ladrão! diz ela ao irmão. Quase nada tinha para mim, além de um pouco de calma e de alguns sonhos. Ti-raste-me tudo, roubaste quem era pobre.» Electra desejava a morte do odioso casal, mas verdadeiramente não a queria: confiara a um qualquer, a esse irmão desconhecido e que não voltaria mais, talvez, o cuidado de agir. Ela era uma pura expectativa — de um outro que actuaria em sua vez, do dia em que o seu desejo haveria de realizar-se. Mas uma vez que a sua razão de viver deixara de ser a vingança para ser a esperança disso, necessário era que a expectativa jamais se efectivasse, que o acto ficasse sempre em suspenso sobre o futuro, que o ódio enfim pudesse indefinidamente visar o seu objecto, sem jamais o atingir. No futuro estava a justiça; no passado estava o «acto irreparável» que se tornara um «crime». Assim Electra poderá dizer em inteira verdade «so-nhei com este crime» e reconhecer-se na imagem que Júpiter lhe propõe: «Esses sonhos sanguinolentos que te embalavam tinham qualquer coisa de ingénuo: ocultavam-te a escravidão, tratavam-te as feridas do orgulho. Mas tu não pensaste nunca

SARTRE POR ELE PRÓPRIO

em realizá-los... Nunca quiseste o mal: quiseste apenas a tua própria infelicidade... Brincaste ao assassinato...»

Contra a falência da irmã, contra a escolha que ela fizera da sua culpabilidade, Orestes proclama bem alto que assume plenamente a responsabilidade do seu acto. «Sou livre, Electra, a liberdade precipitou-se sobre mim como um raio... Pratiquei o meu acto... e esse acto era bom. Levá-lo-ei sobre os meus ombros como quem transporta os viajantes através das águas, fá-lo-ei passar para a outra margem e darei disso testemunho. E quanto mais custoso for de transportar maior será a minha alegria, porque a minha liberdade está nele.» «...Sou livre. Para lá da angústia e da memória. Livre. E em harmonia comigo.» «Não sou um culpado, e tu não conseguirias obrigá-me a expiar o que eu não reconheço como um crime.»

Aos olhos de Orestes, Júpiter, o rei dos Deuses e do Uni-verso, deixou de ser o rei dos homens: criador dos homens e tendo-os criado livres, não é mais o seu senhor, desde que tomaram consciência da sua liberdade. «...Súbitamente a liber-dade precipitou-se sobre mim e trespassou-me, a minha natu-reza saltou para trás... E nada mais houve no céu, nem Bem, nem Mal, nem ninguém que me pudesse dar ordens.» Doravante Orestes está «condenado à liberdade»: «sózinho como um leproso», este «filho desnaturado» ficou privado de toda a desculpa e não encontra outro recurso senão em si. «Mas não cairei mais debaixo da tua lei; estou condenado a não ter outra lei senão a minha. Não regressarei à natureza que me deste. Mil caminhos nela estão traçados para me le-varem a ti; mas eu não posso seguir senão o meu. Porque eu sou um homem, Júpiter, e cada homem deve inventar o seu caminho.»

Havemos de encontrar depois este tema da *antifisis* como definição do reino humano: o homem não pode chegar até si senão mediante a conquista da sua natureza, a negação em si de toda a natureza, a afirmação constante de si como um ser antinatural.

O interesse do último passo por nós citado reside por outro lado na encenação, desde a primeira peça de Sartre, desse tema da *invenção* — correlativo do anterior, bem entendido, mas que é mais centralmente definidor do conjunto da sua obra teatral. Lembrava eu, no começo deste capítulo, certas anotações de Sartre sobre o «teatro de situação». Eis algumas outras, mais precisas ainda, e que beneficiam agora da nossa